



# DIÁRIO

## da Assembleia Nacional

X LEGISLATURA (2014-2018)

6.ª SESSÃO LEGISLATIVA

### REUNIÃO PLENÁRIA DE 5 DE MAIO DE 2017

**Presidente:** Exmo. Sr. José Diogo

**Secretários:** Exmos. Srs. Nenéio Afonso  
Sebastião Pinheiro  
Aérton do Rosário

#### SUMÁRIO

O Sr. Presidente declarou aberta a Sessão às 12 horas e 20 minutos.

Foi aprovada a resolução n.ºxx/X/6.ª/2017 – Dá Assentimento ao Presidente da República para autorizar a entrada e permanência de militares e paramilitares da República de Ruanda em Território Nacional. Para além do Sr. Ministro da Presidência do Conselho de Ministros e dos Assuntos Parlamentares (Afonso Varela) que apresentou a proposta, também fizeram o uso da palavra os Srs. Deputados Pedro Carvalho (ADI), Xavier Mendes (PCD), Martinho

Domingo (ADI), Beatriz Azevedo (MLSTP/PSD), Jorge Amado (MLSTP/PSD), Aurélio Martins (MLSTP/PSD), Danilson Cotú (PCD), Felisberto Afonso (UDD), Carlos Correia (ADI), Levy Nazaré (ADI) e Ossaquio Riôa (ADI).

Proferiram declaração de voto os Srs. Deputados Danilson Cotú (PCD), Arlindo Barbosa (MLSTP/PSD) e Levy Nazaré (ADI).

O Sr. Presidente encerrou a sessão às 14 horas e 10 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Sras. e Srs. Deputados, existe quórum, pelo que declaro aberta a sessão.

*Eram 12 horas e 20 minutos.*

*Estavam presentes os seguintes Srs. Deputados:*

Acção Democrática Independente (ADI):

**Abnildo** do Nascimento **d' Oliveira**  
**Arlindo Quaresma** dos Santos  
**Berlindo** Branco Vilela **Silvério**  
**Bilaine** Carvalho Viegas de **Ceita**  
**Carlos** Manuel Cassandra **Correia**  
**Celmira** d'Almeida do **Sacramento**  
**Danib** Lima de Fonseca **Narciso**  
**Egrinaldino** de Carvalho Viegas de Ceita  
**Esmael da Glória** Espírito Santo  
**Flávio** Pires **Mascarenhas** dos Ramos  
**Gabriel Barbosa dos Ramos**  
**Idalécio** Augusto **Quaresma**  
**Ivo** Mendonça da **Costa**  
**Joaquim Salvador** Afonso  
**José António** do Sacramento **Miguel**  
**José Carlos Cabral** d'Alva  
**José** da Graça **Diogo**  
**José Manuel** Macumbo **Costa Alegre**  
**Levy** do Espírito Santo **Nazaré**  
**Manuel** da Graça **Narciso**  
**Mário Fernando** Rainho  
**Martinho** da Trindade **Domingos**  
**Milton** Viegas Fernandes **Lima**  
**Nenésio** Quaresma **Afonso**  
**Ossáquio** Perpétua **Riôa**  
**Pedro** Jorge de Abreu e **Carvalho**  
**Salcedas** d'Alva Teixeira **Barros**  
**Sebastião** Lopes **Pinheiro**  
**Silvestre** **Moreno** Mendes  
**Wilder** **Monteiro** dos Santos

Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social-Democrata (MLSTP/PSD):

**Aérton do Rosário** Crisóstomo  
**Ana** Isabel Meira **Rita**  
**Arlindo** **Barbosa** Semedo  
**Aurélio** Pires **Quaresma** **Martins**  
**Beatriz** da Veiga Mendes **Azevedo**  
**Danilo** **Neves dos Santos**  
**Deolindo** Luís da Trindade **da Mata**  
**Dionísio** Leopoldino **Fernandes**  
**Jaime** Pires Siqueira de **Menezes**  
**Jorge** **Amado**  
**Leonilda** Marcelina de S. M. Amaral da **Mata**  
**Maria das Neves** Baptista de Sousa  
**Oscar** **Cosme da Conceição** **Gina da Silva**  
**Vasco** Gonçalves **Guiva**

Partido de Convergência Democrática (PCD):

**Danilson** **Cotú**  
**Filomena** M. de Fátima dias X. de P. **dos Prazeres**  
**Jorge** Dias **Correia**  
**José** Luís **Xavier** **Mendes**

União dos Democratas para o Desenvolvimento (UDD):

**Felisberto Fernandes Afonso**

O Sr. **Presidente**: — Sr. Ministro da Presidência do Conselho de Ministros e dos Assuntos Parlamentares, Sras. e Srs. Deputados, aproveito o ensejo para saudar todos os presentes nesta augusta Assembleia.

Vou imediatamente informar sobre o tempo distribuído para o debate. Portanto, o ADI tem 21 minutos, o Governo 21 minutos, o MLSTP/PSD 10 minutos, PCD 5 minutos e UDD 3 minutos.

Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado para uma intervenção.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Obrigado Sr. Presidente. Sr. Presidente, na Conferência de Líderes, nós havíamos manifestado alguma preocupação com o tempo que se iria utilizar hoje para este debate. Chegámos à uma conclusão, de que iríamos tentar levar o debate durante o período de uma hora. Todavia, caso necessário, esse período poderia ser alargado.

E, tendo em conta a importância do tema que nós vamos discutir para aprovar aqui hoje, eu acho que seria justo que nós pensássemos no alargamento deste período, porque estou convencido de que só com a intervenção de um elemento da minha bancada, os 10 minutos já estarão esgotados. Então, não estaríamos a fazer um exercício tão democrático como nós pensamos que devíamos fazer. Obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Só para lembrar os Sr. Deputado geralmente, o tempo disponível para o debate é sempre 1 hora. Agora o que disse sim senhor, se houver, por ventura, vai depender do calor dos debates, se houver necessidade de dilatar um pouquinho um pouco mais o tempo, então estaremos disponível.

Mas isso não quer dizer que a priori, já agora, tem-se que acrescentar o tempo de intervenção. Portanto, fica assim, e veremos em função da necessidade do debate. Apenas para prestar esse esclarecimento.

Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado para uma intervenção

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Fica registada a minha preocupação Sr. Presidente. Obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Está registada, Sr. Deputado.

Posto isto, diria que está aberta esta reunião plenária e tem único ponto da ordem do dia, que é a discussão e votação na generalidade, especificidade e final global da Proposta de Resolução nº 34, X Legislatura, VI Sessão de 2017 que dá assentimento para que o Presidente da República autorize a entrada e permanência no País de instrutores militares e paramilitares da República de Ruanda para formação e treinamento das nossas forças militares e paramilitares.

Esta iniciativa obedece aos pressupostos espelhados na alínea j) do art. 111º, alínea h) do art. 80º, conjugado com alínea n) do art. 97º, ambos da Constituição. Sendo assim, convido o representante do Governo, na pessoa do Sr. Ministro da Presidência do Conselho de Ministros e dos Assuntos Parlamentares a proceder a apresentação da iniciativa.

Tem a palavra o Sr. Ministro Afonso Varela para fazer apresentação da referida iniciativa.

O Sr. **Ministro da Presidência do Conselho de Ministros e dos Assuntos Parlamentares** (Afonso Varela):— Muito obrigado Sr. Presidente, bom dia todos os presentes.

O Governo apresenta essa Proposta de Resolução para que seja permitida a entrada e a permanência no nosso país, por um período de cerca de 60 dias, de uma equipa de instrutores que deverão dar formação e treinamento às nossas forças de defesa e de segurança, incluindo as forças, digamos, paramilitares, as forças que se ocupam das nossas fronteiras, a polícia, Portanto, o conjunto das nossas forças de defesa e segurança.

Essa acção de formação, ela insere-se, por um lado, no esforço que o Governo vem fazendo para lidar, por um lado, com as novas ameaças e, por outro lado, com o esforço que se vem fazendo para que se tenha umas forças armadas, os serviços de segurança, portanto, com maior aptidão ao exercício da sua missão.

A vinda desses instrutores ruandeses insere-se também no âmbito duma ampla cooperação que o país vem desenvolvendo com a República de Ruanda, nos mais diversos domínios, incluindo no domínio da defesa. Portanto, trata-se de um país africano com bastante experiência nesse domínio da defesa e da segurança u dizia, um país africano, um país pequeno, muito maior do que nosso, mas, apesar de tudo, um país pequeno que está cercado por grandes colossos africanos.

Desde logo, a República Democrática de Congo e, o que nós constatamos é que, apesar da turbulência que se vive no leste da República Democrática de Congo, Ruanda permanece, embora vizinho, permanece um país calmo, estável, tranquilo e de paz. Mas, sabemos também que Ruanda integra uma comunidade de países de leste de África, onde prevalece a livre circulação de pessoas. E Ruanda insere-se perfeitamente nesse conjunto, sem dificuldades, sem problemas. Daí que, pensamos que a experiência de Ruanda pode

ser interessante para nós enquanto país, mais para os nossos profissionais das fronteiras, mas também para os nossos militares.

Relativamente ao desenvolvimento e aos êxitos do Ruanda é escusado falar toda a gente sabe que o Ruanda é uma história de sucesso no continente africano, com bastantes realizações e aparecendo no pelotão da frente dos 53, 54 países africanos. Portanto, com esta acção, nós faremos jus à essa cooperação sul-sul que é sempre propalada por nós de nos cooperarmos entre nós, entre países africanos e aqui com essa acção nós damos expressão, damos voz a esse desiderato.

Portanto, é assim que, devendo esse grupo de formadores chegarem ao país, e com a previsão de chegada para o dia 6, o Governo entendeu submeter à Assembleia para apreciação e aprovação uma Resolução que permita a entrada e permanência, por período que aqui citamos, desse grupo de instrutores, militares e paramilitares. Muito obrigado Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Obrigado Sr. Ministro. Bem, agora convido o Sr. Deputado, redactor da 2ª Comissão Especializada Permanente a proceder à leitura do respectivo parecer. Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Carvalho.

O Sr. **Pedro Carvalho** (ADI): — Obrigado, Sr. Presidente,

Parecer da 2ª Comissão Permanente da Assembleia Nacional sobre o assentimento para a entrada e permanência de uma equipa de militares e paramilitares da República de Ruanda em território nacional. Foi submetida à essa augusta Assembleia Nacional, no dia 2 do corrente mês, um pedido de assentimento para entrada e permanência de uma equipa de instrutores composta por 20 elementos militares e paramilitares da República do Ruanda, por um período de 60 dias, a partir do dia 6 de Maio, para efeitos de formação e treinamento dos militares e paramilitares santomenses. Essa solicitação vem ao abrigo do disposto da alínea j) do art. 119º e da alínea h) do art. 8º, coadjuvado com alínea n) do art. 97º todo da nossa Constituição da República.

Nesse sentido, a 2ª Comissão Especializada Permanente, Comissão das Relações Exteriores, Comunidade, Defesa e Mar, ao abrigo da alínea i) do art. 4º do seu Regimento, reunida na sua sessão extraordinária, no dia 4 do corrente mês, na sala nº 3 de reuniões, pelas 10 horas, tendo debruçado sobre o assunto, constatou que o pedido cumpriu todos os requisitos constitucionais e legais. Assim, a Comissão recomenda a Mesa da Assembleia Nacional a submete-lo ao plenário para os devidos efeitos.

O presente Parecer foi aprovado com 2 votos contras, dos Srs. Deputados José Luís Xavier Mendes, do Grupo Parlamentar do PCD e da Sra. Deputada Beatriz Azevedo do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD.

São Tomé, 4 de Maio de 2017.

O Presidente da Comissão, Martinho Domingos,

O Relator, Pedro Carvalho. Muito Obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Obrigado Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Deputado Xavier Mendes para uma intervenção nas condições do membro da 2ª Comissão.

O Sr. **Xavier Mendes** (PCD): — Sr. Presidente é uma questão de forma. O último parágrafo do parecer acabado de ler fala-se 'O presente parecer foi aprovado com dois votos'. Foi aprovado por quem? Era bom que se referisse, que foi aprovado por partido tal e os votos contras de fulano, fulano e fulano. Isso que é o mais formal e correcto. Muito obrigado Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Carvalho.

O Sr. **Pedro Carvalho** (ADI): — Sr. Presidente, então vamos fazer a devida correcção: então fica, o devido parecer foi aprovado com 4 votos a favor dos Deputados do Grupo Parlamentar do ADI e com 2 votos contra, respectivamente, 1 do Sr. Deputado PCD e outro da Sra. Deputada do MLSTP/PSD.

Sr. Presidente, só mais uma correcção na Sala nós estávamos 5 Deputados do Grupo Parlamentar do ADI.

O Sr. **Presidente**: — Pronto, está registado. Vamos continuar. Vejo que o Presidente da 2ª Comissão também pediu a palavra. Tem a palavra o Sr. Presidente para uma intervenção.

O Sr. **Martinho Domingos** (ADI): — Obrigado Sr. Presidente. Sim, eu concordo que se tem que fazer alteração, mas na Comissão estavam presentes os Srs. Deputados que votaram contra até que foram eles mesmo que fizeram questão de colocar isto e estavam na sala. E eles, nesse caso, estavam a fazer proposta do texto. Mas, sim é uma falha que deve-se reconhecer e eu acho que nós podemos alterar. Como foi dito, foi aprovado com 5 votos a favor, do Grupo Parlamentar do ADI e 2 votos contras, sendo 1 do PCD e outro do MLSTP. Eu acho que é falsa questão podemos alterar isso e avançar.

O Sr. **Presidente**: — Obrigado Sr. Deputado. Dito isto, portanto, convido a Sra. Deputada Beatriz Azevedo que também é membro da Comissão quer fazer um comentário.

A Sra. **Beatriz de Azevedo** (MLSTP/PSD): — Dizer o Presidente da 2ª Comissão que propusemos que o nosso voto contra estivesse plasmado, era em relação à acta. Na acta, é que deveria estar plasmada essa informação. E dizer também que os 5 estiveram na sala como maioria vence, já que nós os dois não demos ideia, fez com que vosso 5 não foi escrito. Muito obrigada.

O Sr. **Presidente**: — Bem! Vamos continuar porque eu acho que estamos a perder tempo, com coisinhas que não são a essência desse encontro. Convido Sra. Secretária da Mesa para proceder à leitura de Proposta de Resolução.

A Sra. **Secretária da Mesa**: — Muito obrigado Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, muito boa tarde, boa tarde Sr. Ministro, Passo a ler o texto final da Proposta de Resolução.

Texto final da Proposta de Resolução nº 34 da VI Sessão Legislativa da X Legislatura, 2017. Assentimento ao Presidente da República para autorizar a entrada e permanência de militares e paramilitares da República de Ruanda em território nacional.

Preâmbulo

Considerando a necessidade de se autorizar a entrada e permanência de uma equipa de instrutores, composta por 20 elementos, militares e paramilitares da República de Ruanda, por um período de 60 dias, a partir do dia 6 do corrente mês, para efeitos de formação e treinamento dos militares e paramilitares santomenses,

Assembleia Nacional resolve nos termos da alínea b) do art. 97º da Constituição o seguinte:

Artigo. 1º Assentimento.

É dado assentimento ao Presidente da República, nos termos da alínea n) do artigo 97º da Constituição, para autorizar a entrada e permanência no país de uma equipa de 20 elementos, composta por militares e paramilitares da República de Ruanda por um período de 60 dias, a partir do próximo dia 6 do corrente mês, para efeitos de formação e treinamento de militares e paramilitares santomenses.

Artigo 2º, Entrada em vigor

A presente Resolução entra imediatamente em vigor.

Publique-se,

Assembleia Nacional, em São Tomé, aos, 5 de Maio de 2017.

O Presidente da Assembleia Nacional, José da Graça Diogo.

O Sr. **Presidente**: — Muito obrigado Sra. Secretária da Mesa. Em seguida, vou anunciar a abertura do debate na generalidade dessa Proposta de Resolução. Portanto, estão abertas as intervenções das Sras. e Srs. Deputados.

Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Obrigado Sr. Presidente. Bom dia, Sr. Presidente, Sr. Ministro, Sras. e Srs. Deputados, bom dia.

Sr. Presidente, estamos cá hoje para podermos aprovar uma resolução que prevê a entrada e permanência de tropa estrangeira, portanto, proveniente de Ruanda na nossa República Democrática de São Tomé e Príncipe. Ora, com relação a este assunto, a minha Bancada endereçou uma carta à Mesa da Assembleia que deveria ter feito aqui menção, logo como ponto de informação a solicitar à Mesa da Assembleia, o acordo militar existente entre São Tomé e Príncipe e a República de Ruanda. Por outro lado, também pedimos que nos desse a composição dos especialistas que cá vêm participar nesse processo de formação. A mesma nota, submetemos também ao Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares para evitar a morosidade da Mesa da Assembleia, e até então, não obtivemos nenhuma resposta. Ora, estamos aqui neste momento a debater um assunto que, infelizmente, a Assembleia Nacional nem deveria estar a discutir.

Primeiro, porque já é público de que estão já no território nacional os oficiais vindos de Burquina Faso.

*Ruídos na sala em virtude do Sr. Deputado se ter referido ao Burquina Faso. ...de Ruanda, perdão.*

Falo de Burquina Faso, porque quero fazer lembrar que, no ano 1995, mandámos formar 40 terroristas, em Burquina Faso, que estiveram cá em São Tomé, sem integrar a Força Armada, com armas pesadas, fazendo tiroteio atoa.

Eu fui vítima desse grupo. Mandaram-me uma granada e se eu não tivesse sorte, estaria hoje falecido. Existem testemunhas, e mesmo dentro desta sala, existe testemunha. Portanto, formámos 40 terroristas em Burquina Faso que vieram acompanhados com armas pesadas e ligeiras e andaram a fazer o que quiseram fazer no território nacional e nem sabemos onde é que estão essas armas. Portanto, por lapso falei de Burquina Faso, mas agora estou falando de Ruanda.

Sr. Presidente, esses militares já cá estão. Uma vez no território nacional, significa dizer que a nossa decisão aqui na casa parlamentar não tem nenhum sentido. Já se violou a Constituição, permitindo a entrada de tropas estrangeiras no território nacional, sem a prévia autorização da Assembleia Nacional.

Por outro lado, continuo a dizer que, face à essa situação, violámos também a Constituição, no seu art. 80º na alínea h), que diz que, a entrada de tropa estrangeira no território nacional terá que ter um parecer do Conselho do Estado.

E o Conselho de Estado não pronunciou sobre isso. Eu não sei o que é que os membros do Conselho de Estado andam a fazer, mas deveriam começar a preocupar com a sua representação, defendendo aquilo que a Constituição lhes confere.

Violámos o artigo 99º da Constituição, na alínea f) que diz que a entrada de tropas estrangeiras no território nacional terá que ter o consentimento do Conselho do Estado. Portanto, o Conselho do Estado, pelo que sei, não reuniu para pronunciar sobre este assunto. E já os elementos estão no território. A Assembleia não reuniu e já os elementos estão no território. Quer dizer que estamos perante uma flagrante violação da Constituição e das leis da República.

Por outro lado, na matéria da organização da defesa nacional, é exclusivamente do direito da Assembleia Nacional. Se há alguma pretensão em fazer alguma movimentação, porque não percebemos a rapidez com que se está fazendo isto, com que se procede a vinda desses elementos cá para o território nacional. Se estamos a preparar uma guerra, ou coisas outras, tem que ficar claro.

Porque a tamanha velocidade, só podemos pensar que vai haver guerra amanhã...

*Murmúrio*

...sim! É isto mesmo. Aqui no território nacional, quando nós sabemos de que tropa se trata, aqueles que já foram invasores dos seus vizinhos, que no passado, já tiveram manchas negras e hoje, vão entrar no território nacional para poder instruir a nossa tropa.

A nossa tropa tem tido assistência técnica militar de países com maior desenvolvimento possível neste mundo. Estados Unidos de América, França, Portugal, Brasil, Angola e por aí fora.

O que é que nós queremos com a vinda de militares de Ruanda? Para nos ensinar a proteger a nossa fronteira? A nossa fronteira é marítima, e Ruanda não tem fronteira marítima. Para lutar contra o terrorismo? O nosso terrorismo não vem da terra. Eles são países cercados por outros países. O nosso terrorismo vem do mar...

*Murmúrios*

...o terrorismo que invade São Tomé, sim senhor. Aliás, já se detetou aqui, digamos, vários sinais.

Para dizer que nós temos tido aqui na nossa água diversos países interessados a nos ajudar a combater o terrorismo, nas nossas águas, e estão presentes. Não vem cá tropa que só conhece a terra, não tem fronteira marítima, dizer que vai ajudar-nos a combater o terrorismo.

Para ensinar-nos, portanto, a lidar com a imigração clandestina! O que é que isso de imigração clandestina? Quando o Governo já abriu a fronteira para todos os países que quiserem entrar no nosso país, estamos a falar de imigração clandestina? É isso que nós vamos aprender com as tropas ruandesas?

Portanto, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, A minha Bancada considera que isto é um atentado contra a soberania nacional...

*Aplausos do MLSTP/PSD e PCD.*

... e não aceitamos e votaremos contra atitudes desse tipo e o ADI responsabilizará por tudo quanto acontecer em São Tomé e Príncipe com a vinda desse...

O Sr. **Presidente**: — Bem! Por ter feito referência à Mesa, aprez-me, talvez, esclarecer o seguinte. Ontem, quando chegou à Mesa o pedido do MLSTP/PSD eu ainda parece que persenti. Anotei o tempo exacto quando recebi o pedido. Entrou na minha mesa, eram 12h20. O pedido está cá. Posso até se calhar, se a Sra. Secretária da Mesa puder fazer favor de ler, e também está no meu despacho.

A Sra. **Secretaria**: — Vou passar a ler o teor do pedido endereçado pelo Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD ao Sr. Presidente da Assembleia Nacional: Grupo Parlamentar do MLSTP, Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Nacional, São Tomé, Assunto, Pedido de informação ao Ministro da Defesa e de Ordem Interna, apresentado pelo Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD dirigido a Presidente da Mesa da Assembleia Nacional, aos 4 dias do mês de Maio de 2017.

Nos termos do artigo 22º da alínea k) do Regimento da Assembleia Nacional, vimos solicitar e obter do Ministro da Defesa e da Ordem Interna, através da Mesa da Assembleia Nacional os seguintes:

1º-Acordo de Cooperação Militar celebrado entre o Governo da República Democrática de São Tomé e Príncipe e Ruanda.

2º- Composição e especificidades de cada um dos oficiais superiores afectos ao contingente. Apresentamos os nossos melhores cumprimentos.

Gabinete do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD.

Palácio dos Congressos, em S. Tomé, aos 4 de Maio de 2017.

O Presidente do Grupo Parlamentar, Jorge Amado.

O Sr. **Presidente**: — A Sra. Secretária da Mesa, para os devidos efeitos. Quer dizer, que, logo que eu recebi, eu ainda tive a sensatez de enviar para a Sra. Secretária para ela contactar o Governo. Portanto, eu acho que foi ontem, e não recebemos ainda nenhum feedback, é normal. Portanto, o Governo tomará tempo necessário para poder responder. Isso é que me apraz informar ao Sr. Deputado e dizer também ao Sr. Deputado que, houve encaminhamento errado. Quando o Sr. Deputado quiser pedir informação tem que passar pela Mesa da Assembleia e não directamente ao membro do Governo. Isso é que diz o nosso Regimento.

Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado para a sua intervenção

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — O artigo 22º a alínea k) Sr. Presidente poderá ler, diz que, portanto, a bancada deve ser informada directamente pelo Governo, portanto, não nos diz que temos que passar pela Assembleia Nacional. E nós pedimos directamente ao Governo também.

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado está a dizer, muito bem, deve ser informado directamente pelo Governo. Portanto, o Governo vai informar e eu não sei. É uma incumbência do Governo. O que eu disse é que o pedido devia passar pela Mesa da Assembleia e não directamente para o Governo. E o Sr. Deputado sabe que é mesmo assim. Regimentalmente é assim.

Tem a palavra o Sr. Deputado Aurélio Martins para fazer a sua intervenção.

O Sr. **Aurélio Martins** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente da Assembleia Nacional, Sr. Ministro, Sras. e Srs. Deputados, nós estamos perante uma resolução que mexe com os são-tomenses. Porque são 20 elementos das tropas ruandesas e nós conhecemos e acompanhamos, de par e passo, aquilo que foi, portanto, o genocídio em Ruanda. Gostaríamos, porque não estar cá o Ministro de tutela para especificar quais são as actividades de cada um dos elementos. Porque são 20 elementos, tropas ruandeses, é muita gente, muito oficial militar dentro do nosso território que é um território pequeno e, sabemos também, de facto, quem são os ruandeses.

Estamos a falar da soberania. E por outro lado, falou cá o Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares que houve um acordo que se assinou de cooperação com o Ruanda, mas nós aqui, esta casa parlamentar, como fiscais do Governo, não temos conhecimento deste acordo. Nós não conhecemos os meandros deste acordo. Portanto, estamos aqui, afinal, estamos a fazer o quê? E já há informações de que as tropas encontram-se no nosso país. Se assim se confirma, estamos a atropelar aquilo que é de facto os fiscais do Governo que são os Deputados.

Sras. e Srs. Deputados do ADI, do MLSTP/PSD, do PCD, temos que olhar para a Nação. Estamos a falar de São Tomé e Príncipe, não falar de cada um de nós. Porque os resultados que advêm das tropas ruandesas que vão estar cá no país, as consequências serão para o futuro dos nossos filhos e dos nossos netos. E nós que estamos aqui hoje em vida. Tudo pode vir a acontecer, temos que prestar atenção, meus senhores, estamos a tratar da Nação são-tomense. Por isso, queríamos uma informação mais específica do Sr. Ministro sobre a vinda dos 20 elementos das tropas ruandesas, oficiais das tropas ruandesas. Porque não 2 ou 3 elementos? Para instruir tropas são-tomenses, se calhar 2 ou 3 elementos podem instruir. Porque 20? Logo 20 elementos! E, estão cá já no País. Mesmo não estando, segundo o documento, vem amanhã, dia 6. Hoje, dia 5, amanhã está a chegar tropa. A Resolução nem foi publicada no Diário da República, já amanhã teremos cá presentes tropas ruandesas, segundo o documento. Mas, a informação que temos é que tropas ruandesas já se encontram no país. Gostaríamos que reflectíssemos seriamente sobre este assunto, porque está em jogo a vida de cada um dos santomenses nesse território, de mil e um quilómetros quadrados, território pequeno e 20 elementos das tropas ruandesas em São Tomé e Príncipe.

Aplauso do MLSTP/PSD.

O Sr. **Presidente**: — É só para informar, o MLSTP/PSD já não tempo para intervenção. Segundo o tempo disponível, que era 21 minutos, já ultrapassou. Tem a palavra Sr. Deputado Danilson Cotú para uma intervenção.

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Obrigado Sr. Presidente, Sr. Ministro bom dia, Sras. e Srs. Deputados, a preocupação que o PCD traz em relação a este caso prende-se com alguns aspectos legais e outros que nós temos em termos socioeconómicos.

O aspecto legal é que, como já foi dito aqui por um dos Deputados que me antecedeu tem o artigo 80º da nossa Constituição que dá ao Presidente da República o poder de anuir a entrada de forças armadas estrangeiras no nosso território, ou das nossas forças para saírem para o estrangeiro, mas impõe duas condições. Uma dessas condições é a anuência da Assembleia Nacional. A outra condição é que o Presidente ouça o Conselho de Estado.

E preocupa-nos o facto de hoje, a esse horário, nós estarmos aqui, justamente a analisar esse pedido, eu não sei qual é o tempo que o Presidente da República terá para ouvir o Conselho de Estado; eu espero que ouça, porquê, porque senão estaria a violar a Constituição. Portanto, eu acho que a Assembleia, das duas, uma, ou nós estamos aqui a cometer falhas graves, uma atrás da outra, ou, desculpe, o Governo está

a agir de má fé para com a Assembleia Nacional. Porque deveria respeitar um timing que permitisse, de qualquer das formas, que cada instituição, cada órgão de soberania, agisse e respeitasse a Constituição. Esse é o aspecto legal.

O outro aspecto prende-se com a situação económica social: É verdade que São Tomé e Príncipe precisa de cooperação, é verdade que a cooperação sul-sul deve ser aposta de países como nosso. Porque em muitos casos mostra-se mais frutífera, é verdade. Mas, quando nós olhamos para nosso São Tomé e Príncipe, que vemos um país como está, falta de emprego pra jovem, lixo tomando conta da nossa cidade, hospital sem medicamento, sem reagentes, agricultura, lamentavelmente, abandonada à sua sorte, roubo nas parcelas agrícolas, etc.

O que PCD entende que sim, as potencialidades do país de Ruanda deveriam ser exploradas para sectores como esses. Porquê? Porque a nível da defesa e segurança, São Tomé e Príncipe beneficia de apoios e cooperação com países exemplares, como os Estados Unidos, Portugal, Angola, meus caros, e o Brasil que são países, maior parte da África, bem caso de Angola e exceptuando aqui um aspecto, o aspecto linguístico. O aspecto linguístico porque a língua há-de facilitar a formação dos nossos militares e paramilitares.

Então, nós sabemos que existem carências em termos de domínio de língua. O que nós esperamos é que sim, a cooperação seja mais fortificada com os países cuja comunicação nos é favorável; a língua portuguesa e para Ruanda, pode-se explorar outros sectores: agricultura, pecuária, etc. Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Bem, meus senhores, vamos continuar com as nossas intervenções e o nosso debate e estou a espera que a assembleia fique mais calmo, com menos ruído, se não, não tem como prosseguir. Convido o Sr. Ministro do Conselho de Ministro e dos Assuntos Parlamentares para uma intervenção.

O Sr. **Ministro da Presidência do Conselho de Ministros e dos Assuntos Parlamentares** — Sr. Presidente muito obrigado, Srs. Deputados, escusado manifestar aqui a minha surpresa, porque de nada valerá, mas eu devo dizer que, se não me surpreende, assusta-me pelo menos, a ignorância relativamente a determinados factos.

Primeiro é porque ao nível da Assembleia Nacional e quando se é Deputado não se pode fazer afirmações de forma categórica, quando esses factos não estão confirmados. Vir aqui dizer que os militares já se encontram no território nacional, não é verdade...

### *Murmúrios*

...os militares instrutores chegarão amanhã. É a data prevista. Portanto, terão chegado todos aqueles que compraram os seus respectivos bilhetes de passagem e tomaram os seus respectivos aviões e vieram para uma terra que, em princípio respeitaram a lei e vieram para São Tomé, isto os Serviços de Fronteira podem-nos dizer quais são as pessoas que entraram para São Tomé ao longo do dia de ontem, antes de ontem e tudo mais.

Por isso, o meu conselho seria, uma vez mais pedir a mesa da Assembleia para solicitar ao Ministro do Interior a lista de pessoas que entram para São Tomé. O que eu quero dizer é que os 20 instrutores não estão em São Tomé e Príncipe. Se há Srs. Deputados que têm tanta certeza, eu gostaria de pedir-lhes para reconsiderarem porque os 20 instrutores não estão em São Tomé e Príncipe. Todas as informações que temos, os instrutores chegam no dia 6. Portanto, se há dúvida, eu não creio que seja justo vir induzir as pessoas em erro. Essa é a primeira observação.

Mas a segunda observação tem a ver com o estigma que se coloca Ruanda. Ruandeses são africanos como nós, ruandeses são um povo que têm os defeitos todos que nós também temos, mas infelizmente, tiveram o genocídio que tiveram e foi uma fase da história deles, mas não quer dizer que os ruandeses tenham uma avidez a praticar o genocídio e que vêm para São Tomé para praticar genocídio. Por isso, eu creio que não é justo, não é correcto, não é intelectualmente honesto, vir aqui estigmatizar um país africano com o qual nós temos relações.

O acordo! Celebrámos, e isso é do domínio público, celebrámos um conjunto de acordos com a República de Ruanda que cobre vários domínios e a preocupação do Sr. Deputado, que eu creio que me antecedeu, está coberta, a agricultura sim senhor, mas estão também os outros sectores.

Os ruandeses que virão a São Tomé e Príncipe, quero dizer, todos eles não são militares. Há ruandeses que virão para a Polícia, há ruandeses que serão pura e simplesmente informáticos. E quando se diz controlo de fronteira, é verdade que o Sr. Deputado que disse isso não é militar e eu também não, mas há coisas que são do domínio público e sabe que quem controla a fronteira não é aquele que tem uma arma na mão e está parado na fronteira.

A fronteira é muitas vezes controlada a partir do gabinete e a informática é um utensílio fundamental no controlo da fronteira e o controlo da fronteira não significa apenas quem entra e quem sai, mas o que ele faz, quando é que ele sai. Isto é importante e a ferramenta informática é extremamente importante e nesse grupo, há informáticos que virão e trabalharão nessa área.

Por isso, eu não creio que deva haver algum receio relativamente à Ruanda. Nós somos um país que não pagamos para ter essas formações, nós beneficiamos dessas formações. Ruanda deu provas, nesses últimos 20 anos, de que tem capacidade nesse domínio, como em muitos outros. Ofereceu-nos essa possibilidade gratuitamente e nós estamos a utilizar essa possibilidade.

Mas, o que eu gostaria de dizer aqui também e chamar a atenção dos Srs. Deputados é que não se pode dizer a mesma coisa e o seu contrário e tentar tirar proveito disso. Isto quer dizer o quê? Somos aqui criticados, porque a Polícia não faz nada, porque a Polícia, porque a segurança pública, porque a segurança pública. Eis que temos uma oportunidade de reforçar a capacidade operativa, a formação dos nossos polícias e essa possibilidade não é boa. Já tivemos aqui franceses, já tivemos aqui angolanos, já tivemos aqui portugueses, pelo menos no domínio da Polícia eu creio que esses são os mais activos, esses três.

Temos os ruandeses. Eu estou convencido que eles virão acrescentar valor à formação dos nossos polícias.

Portanto, não se pode criticar o Governo porque a segurança vai mal, não há formação, não há isso não aquilo e quando há uma oportunidade para se dar formação, então, há o risco, porque se está a preparar golpe de estado, porque se está a preparar genocídio, porque vai haver guerra. Portanto, eu creio que a coisa é um bocado mais séria, dizia ontem o Sr. Primeiro-Ministro que há coisas que constituem terapia para muita gente.

Dizer que o nosso país mandou formar 40 terroristas, quer dizer, isso é gravíssimo. Portanto, isso é não perceber quão mau, quão pernicioso é o terrorismo. Quer dizer, é brincar com essa coisa de terrorismo. Quando sabemos que hoje, o terrorismo é das maiores ameaças que o mundo tem. Porque as guerras matam soldados, colateralmente causa outros danos, pode matar outras pessoas. O terrorismo mata inocentes e dizer que o nosso país, seja qual for o Governo, mandou formar terroristas! Isso foi dito aqui. É gravíssimo, é gravíssimo. Porque eu acho que quando mandamos gente para Angola, quando mandamos gente para os Estados Unidos. Mandamos ainda há bocados militares para Marrocos. É justamente numa perspectiva contrária. É para fazer com que esse flagelo de terrorismo não possa ter lugar aqui no nosso país. Portanto, é de coisa séria, mas muito séria. Mas, as minhas últimas palavras serão palavras, eu diria, de defesa de Ruanda, fora desse contexto todo.

Para dizer que Ruanda está entre os países, são todos eles respeitados e respeitáveis. Mas Ruanda, como eu disse aqui inicialmente, é um caso de sucesso, é uma história de sucesso.

Ruanda está entre os 6 países com mais rápido crescimento do nosso continente. Ruanda é o terceiro país, em termos de índice de corrupção, Ruanda é pura e simplesmente o terceiro, quer dizer, o mais baixo. Nós estamos, eu creio, no 62º lugar. Cabo Verde, que é tido como exemplo, está 50º lugar.

Em termos de *doing business* do Banco Mundial, Ruanda é o número um na África de Leste. É o número dois ou três no continente africano, em termos de facilidade para fazer negócio. E eu direi mais uma informação aqui, que eu não saberei explicar, porque eu li isso num jornal, em que se dizia que Ruanda o melhor acesso à crédito do mundo; vindo atrás apenas da Geórgia. Portanto, como é que um país, com todas essas valências, um país pequeno, que não tem petróleo, que não tem nada, e que cresce ao ritmo de 7%, é o que está previsto para 2017, quando todos os países estão a afundar, poderemos ter o topete de vir aqui dizer, estigmatizar Ruanda, falemos de coisas sérias.

Portanto, o Governo teve essa oportunidade, os militares não se encontram no país, os militares virão ao país para dar formação às nossas forças de defesa e segurança. Alguém disse, porquê 20? Obviamente, que é uma questão e de logística apenas. Poderiam vir 3 ou 4 para Fronteira, hoje. Daqui a um mês, vir outros 4 para a Polícia Fiscal, daqui a três meses virem outros 3 para a Polícia de Choque, depois mais 3 e tudo mais. Por uma questão de logística e de oportunidade, julgamos que era oportuno dar formação às tropas todas e fazê-las até de forma interdisciplinar e em conjunto, permitindo até que as nossas forças possam interagir entre elas e, de certa forma, quebrar até essa animosidade que existe, por exemplo, entre a Polícia e as Forças Armadas. Porque haverá certamente troncos comuns, e uns saberão aquilo que outros também sabem, uns aprenderão aquilo que outros também vão aprender e poderá facilitar. Era isso que eu gostaria de dizer sobre essa Resolução.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Obrigado, Sr. Presidente, Sr. Ministro. É claro que eu gostaria é que estivesse cá realmente o Sr. Ministro de Defesa e Ordem Interna que é a pessoa que deveria nos responder sobre as questões que estamos aqui a colocar. Mas, o Sr. Ministro, quando vem aqui vem navegando nas águas turvas, e isso não nos facilita, nem na sua linguagem, nem na sua forma de colocar as questões. Isso não nos facilita em nada. Dizer que a Ruanda vem trazer elementos para poder formar os nossos policiais, etc., etc., ...Estamos a falar de vinda de militares. E, em parte nenhuma se disse que vêm soldados. Vêm militares...

**Uma voz** – Oficiais militar.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — ... oficiais militares para formar os nossos militares em São Tomé e Príncipe. Bom, por outro lado, o Sr. Ministro diz que talvez, porque o senhor não tem experiência militar e quem também fez o uso de palavra aqui também não tem experiência militar. Eu quero dizer que eu fui militar da Força Aérea Portuguesa. Servi a tropa na Força Aérea Portuguesa, Portanto, tenho experiência necessária para falar da matéria militar, sim senhor.

*Aplausos.*

Quando falei de terrorismo, eu quero dizer que os 40 elementos que foram formar em Burquina Faso não formaram par servir a tropa santomense. Nenhum deles foi militar, nem sequer enquadraram na Força Armada de São Tomé e Príncipe.

Foram elementos que vieram e ficaram por aí, a monte. Usando armas e disparando, acordando as pessoas em suas casas, todas as noites...

*Murmúrios*

...é verdade, é verdade, é verdade! O Sr. não conhece, o Sr. é garoto ainda, cresça para poder falar sobre isso. Na altura, talvez, o Sr. ainda era bebé...

*Risos.*

...Portanto, esses elementos, esses militares que estiveram cá, sabemos aquilo que era a missão que tinha. O Sr. Ministro está a falar tanto daquilo que é Ruanda hoje. Nós sabemos que Ruanda, nesse momento, tem um desenvolvimento razoável, sim senhor. Mas tem 2 médicos para 100 mil habitantes, 2 enfermeiros para 100 mil habitantes e nós aqui estamos em melhores condições, não?! É necessário ir à Internet também consultar tudo isso. Está lá. Está tudo claro. Portanto, que venha a cooperação com Ruanda, nós queremos, mas não a cooperação militar...

O Sr. **Presidente**: — Acabou o seu tempo.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD): — Obrigado Sr. Presidente pelo tempo concedido, mas quero dizer que venha a cooperação toda que vier, menos militar. Obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Felisberto Afonso para uma intervenção.

O Sr. **Felisberto Afonso** (UDD): — Sr. Presidente, Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares, Sras. e Srs. Deputados. Neste debate, nós temos que entender que ninguém está contra o Governo. Os 55 Deputados que somos, a representar o povo, temos que prever o nosso país e prever o povo. Quando dizem que nós estamos contra o Governo, nós não estamos contra o Governo. Os 55 Deputados, de facto, nós temos que discutir aquilo que é bem e que é mal. Porque, eu quero dizer aos Srs. Deputados que hoje, já há muitos homens que transformam em mulheres...

*Risos*

... muitos homens a transformarem-se em mulheres e estão a anda e nós não conhecemos a ideia dessas gentes. Eu estou a dizer ao senhor porque eu sei. Por voltas de 22 horas, eu ia à Santa Catarina, eu vi homem transformado em mulher...

*Risos*

... eu não conheço o seu destino. Nós temos que preparar. O país está de uma forma, a nossa fronteira não tem dono. Entra e sai quem quiser e, é por isso que nós estamos a prever. Os deputados da oposição que estão a discutir estão numa boa estrada, não estão no bom caminho. Nós temos que prever. Ninguém está contra o Governo. O Governo está hoje, amanhã não está mas o país está e o povo está. E é por isso que eu gostaria de dizer aos senhores, que nós temos que ter calma porque hoje a nossa fronteira não tem dono. Fronteira está desorganizada totalmente, entra quem quiser, sai quem quiser.

Portanto eu gostaria de deixar um conselho, vamos prever e vamos ver para o nosso país e o nosso povo...

*Vozes perguntando sobre questão dos homens vestem de mulher.*

... hoje existem homem que vestem de mulher de noite. Vocês não duvidam, estou a vos dizer próprio mas nós não sabemos e temos que nos antecipar.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado excedeu o seu tempo de intervenção. O senhor só tem três minutos e já excedeu.

O Sr. **Felisberto Afonso** (UDD): — Nós somos os representantes do povo e toda a ideia é importante. Não há ideia aí que se pode dizer que não é boa. Toda a ideia é importante. Obrigada.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Correia para uma intervenção.

O Sr. **Carlos Correia** (ADI): — Obrigado Sr. Presidente, Sr. Ministro, caras e caros Deputados, bom dia, Srs. Deputados, eu gostaria de dar a minha contribuição em relação à esta matéria e dizer o seguinte:

Como disseram e disseram muito bem as partes, tanto do Governo, como alguns Deputados, nós já temos alguma cooperação a República de Ruanda. Daí que eu intervenho dizer bem. Quando se faz cooperação, ou faz-se cooperação e não se faz a meia cooperação. Por um lado, temos já cooperações a nível de agricultura e outros aspectos. Porquê não, a parte militar?

Para dizer aos Srs. Deputados quem sabe se com esta proposta da visita dos militares, em acção de formação, possa fortalecer mais ainda a nossa cooperação que está em vias de acontecer, quer no ramo de agricultura e outros. Eu acho que nós devemos ponderar, não devemos ter medo das coisas. O mundo, hoje, é o mundo globalizado e nós temos as Nações Unidas, nos temos várias cooperações, e, eu não acredito que qualquer país queira nos fazer mal.

Eu acho que devemos dar abertura para que nós possamos absorver mais da experiência dos outros países.

E para dizer que, além do País da Ruanda fazer parte da África que nós estamos inseridos também fazem parte até inclusive da África Central em que nós também estamos inseridos.

E também ouvir aqui falar da situação, interveio um certo Deputado, meu colega, meu caro amigo e falou que a nossa praça tem muito lixo, a falta de emprego, agricultura. Pude ler ali no site de Wikipédia, onde diz, com a sua permissão Sr. Presidente, passo a ler só alguns excertos, que diz que o Ruanda, hoje em dia, apresenta modelo de desenvolvimento que é considerado exemplar para países em desenvolvimento.

Em 2009, uma reportagem, da rede de notícias CNN, classificou Ruanda como tendo a história de maior sucesso do continente. Tendo alcançado estabilidade, aquilo que nós só ultimamente alcançámos, crescimento da economia a renda média triplicou nos últimos dez anos e obteve integração internacional.

Em 2007, a Revista Fortune publicou artigo intitulado 'Why CEOs Love Rwanda'. A Ruanda, cuja capital Kigali é a primeira cidade africana a ser galardoada com o 'Habitat Scroll of Honor Award' em reconhecimento da sua limpeza, segurança e conservação do modelo urbano. Daí, falamos do lixo, quem sabe com a entrada da República de Ruanda a nível militar possa ser um passo em frente para nós alcançarmos outras actividades como esta também. Podemos embeber também deles como eles conseguiram esse *know hwo*. Muito obrigado Sr. Presidente.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Xavier Mendes.

O Sr. **Xavier Mendes** (PCD):— Sr. Presidente, após a intervenção do Sr. Ministro cuja justificação de serem vinte, prende-se com a logística e prendem-se com outros aspectos mais, estranha-me e preocupa-me, porque formamos um grupo de fuzileiros navais somente com nove instrutores brasileiros.

Até alguns trouxeram suas esposas e filhos. Nós temos cooperação técnica militar com Portugal, tem três militares, sendo um para centro de treino, um para engenharia e outro para policia e vêm outros consoante a evolução e a especialidade que cada departamento de segurança pretende. Agora, vinte em sessenta dias, qual é a pressão? Sr. Ministro, não está bem claro qual é a missão em que eles vêm? É pena que não está cá o Sr. Ministro da Defesa.

Porque ele sabe onde é que esses vinte vão ser completamente enquadrados. É criação de uma força quase pretoriana de cem homens e não de UDPE. É pena que não está cá o Sr. Ministro, para vir cá explicar perfeitamente bem o que é que está a passar com esses vinte instrutores. E mais Sr. Ministro, no dia 4 de Abril, agradecia que fosse aos Serviços de Migração e Fronteira, se não veio um major e um capitão ruandês pertencente a essa força dos vinte.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI):— Sr. Presidente, sinto-me um pouco ultrapassado na minha intervenção pela última intervenção do Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares, mas gostaria de aproveitar a oportunidade e juntar a minha voz também mais uma vez e dizer que já estamos habituados com essas linguagens de alguns Deputados, esses comentários de alguns Deputados, essas irresponsabilidades de alguns Deputados, porque o que aconteceu de facto não passa disso, é usar um órgão de soberania tão importante, um exercício democrático tão importante e parecer que é uma brincadeira.

Acusar que estamos a querer formar quarenta terroristas, é algo sério e isso não se coaduna de facto com a responsabilidade que temos aqui na Assembleia e vem demonstrar mais uma vez que essa oposição não é alternativa. E mais grave ainda se fosse só um Deputado a falar, a dizer o que disse, podia-se dizer

que é este Deputado. Mais grave ainda é quando toda a oposição bate palmas, e quando toda a oposição bate a palma, quer dizer que a coisa torna mais grave ainda.

Por isso, estamos a falar de instrutores militares que vêm dar formação e capacitar as nossas forças de segurança, as forças paramilitares, logo não estamos a falar de nenhuma força que está a vir ocupar São Tomé e Príncipe de uma forma permanente. Estamos a falar de instrutores, formadores. Ou a oposição diga claramente aqui que não quer que as nossas forças sejam formadas por ruandeses, porque as nossas forças são formadas por portugueses, brasileiros, angolanos, americanos e porque não franceses, ruandeses. Estamos a falar de formação.

Depois de dizer isso, eu gostaria agora de fazer uma interpretação daquilo que diz a nossa Constituição para perceber a na minha opinião obviamente que poderei levar isso para outros debates e também poderá haver oposição sobre aquilo que vou dizer. Mas quando a nossa Constituição diz a presença de forças armadas estrangeiras. Diz artigo 97.º alínea n) dar assentimento ao Presidente da República para autorizar a participação das forças armadas em operação em território estrangeiro ou a presença de forças armadas estrangeiras em território nacional sob a proposta do Governo.

Na minha opinião, essas forças armadas, é de participar em operações militares num país de conflito e numa situação de conflito. Por exemplo, nós temos forças africanas, temos forças das Nações Unidas e as nossas forças armadas ir integrar numa força numa zona de conflito. Logo, estamos a fazer uma interpretação muito extensiva daquilo que diz a Constituição. Não é o caso de um navio a passar no mar internacional e pedir autorização ao governo para entrar nas nossas águas, não é e não serve para esta alínea. E eu digo mais. Esta alínea na nossa Constituição, ela tem uma razão de ser. Há uma explicação de porquê que se introduziu essa alínea na nossa Constituição. Porque eu tenho aqui a Constituição de 75 e a própria revisão de 89, não há essa alínea. Na Constituição antiga não há esta alínea. Porque é que surge depois da revisão constitucional? É por causa dos FAPLA. E a história política de São Tomé diz isso: quem conhece, quem estuda, quem investiga. Por isso, é que as forças armadas estacionadas do tempo douradora no território nacional, com todas as logísticas militares é neste caso que a Constituição exige de facto assentimento do Presidente da República e daí é que a Constituição também diz que deve haver a reunião de Conselho de Estado para autorizar o Presidente.

E é verdade isso. Basta ver a Constituição anterior e a Constituição recente para ver. Eu andei a estudar, a investigar as outras constituições. A Constituição portuguesa não tem isso. Tenho aqui a frente. A Constituição cabo-verdiana não tem isso. A nossa tem exactamente por causa dos FAPLA. E mesmo que tenha, estamos a dar e não estou a dizer que a nossa não tem, a nossa tem e sei que tem e mesmo assim, não, estamos a dar interpretação errada. É quando a força vem para ficar por tempo indeterminado e de forma duradoura no território nacional como esteve os FAPLA.

Não é um navio que quer encostar, que quer vi abastecer, quer vi dar uma formação, não é para isso. Por isso, que acho que se deve interpretar constitucionalmente essa alínea. Por isso, mesmo é que nós estamos a interpretar muito mal essa alínea da Constituição. Mas isso não iliba de facto que os ruandeses que vêm ser instrutores e formadores e não nem vou repetir aquilo que disse o Sr. Deputado, porque nem vale apenas repetir. Não é sério, não é responsável para alguém que quer um dia governar esse país.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Ministro dos Assuntos Parlamentares.

O Sr. **Ministro do Conselho de Ministros e dos Assuntos Parlamentares**: — Eu serei rápido. Apenas para atender a uma preocupação. Gostaria de dizer que a preocupação que levantou o Sr. Deputado Xavier Mendes ela é legítima se olharmos para nossa história, ela é legítima, mas ela na corresponde na actualidade a verdade. Nós dissemos que virão militares e paramilitares. Será fazermos um processo de intenção dizer que se pretende formar uma guarda pretoriana exclusivamente ao nível da UPDE não é verdade, não é essa nossa intenção, mas nós todos vamos aqui estar e vamos ver se todas as forças, a Polícia, a UPDE, a Guarda Presidencial e os Militares terão ou não terão formação. Primeira questão, mas eu acho que é uma preocupação legítima quando nós olharmos para nossa história bem recente e sabemos a forma como essas forças podem ser instrumentalizada.

A segunda questão que disse o Sr. Deputado Xavier Mendes também que me parece importante era só clarificar, porque eu não vejo qualquer problema relativamente a isso. Nós estamos numa relação de parceria de negociação com Ruanda e portanto que haja uma delegação militar que tenha vindo no dia 4 de Abril, duas pessoas citou, para conversas com o Ministério da Defesa, isto acontece digamos todos os dias. Temos a delegação de Brasil, temos delegações militares que vêm dos Estados Unidos e dos outros países e sem contar aqueles que a gente nem sabe se são militares ou não. Portanto, isto não é o problema.

Uma terceira questão ainda relativamente a essa informação que é preciso que seja claro. Disse que foram necessários nove fuzileiros para formar a nossa marinha. Nove em regime de permanência. Só para fuzileiros, nove em regime de permanência. Portanto, facilmente compreenderá se eles não fossem permanentes nós tínhamos que multiplicar esse número por 10, por 100 para formarmos só os fuzileiros. Por isso, os vinte indivíduos que virão estarão na Polícia, na Guarda Presidencial, na UPDE e no Exército. Mas os Srs. Deputados serão testemunhas disso porque aqui tudo se sabe, tudo se conhece e daí que o

treinamento militar não é propriamente uma coisa que se possa fazer a porta fechada e por isso gostaria apenas de trazer esse esclarecimento. Obrigado

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado Jorge Amado está a pedir direito a resposta e eu não sei se ainda tem intervenção neste sentido.

É só para avisar que o senhor só tem três minutos de intervenção. Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Amado.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— Sr. Presidente, é só para dizer que eu acho, que quando alguém acha que é responsável, tem que agir com responsabilidade. E o Sr. Deputado que veio cá ultimamente fazer uso da palavra meteu na minha boca aquilo que eu não disse. Disse que o País está a formar quarenta terroristas. Acho que o senhor está sendo irresponsável usando esta forma de abordar uma questão, quando eu disse que formou no passado quarenta terroristas. E a prova disto é o incêndio que houve em São Guêmbu na casa de João Santiago onde se encontrou uma quantidade enorme de armas e granadas que se arreventou por aí assustando os vizinhos. Existem muitos armamentos por aí fora em casa daqueles do antigo presidente da república e que não vale apenas estarmos aqui a citar o nome...

**Vozes do ADI**:— *Fala o nome.*

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— Não! Não posso dizer.

**Vozes do ADI**:— *Diz!*

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— Miguel Trovoada. Sim, sim. É quem formou esses contingentes. Esses terroristas que acabo de dizer. E depois Sr. Deputado, não vale apenas nós nadarmos nesta água, porque quão não vamos falar daquilo que poderá estar por detrás do problema que estamos a viver agora. Podemos falar e sei que isso não vai agradar muita gente. Portanto, não tenho tempo porque só são três minutos, mas vocês sabem que perfeitamente que isso não agrada nem a vocês e nem a vosso chefe.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Ossáquio Riôa para uma intervenção.

O Sr. **Ossáquio Riôa** (ADI): — Sr. Presidente, Sr. Ministro, Caros e Caras Deputadas, boa tarde. Tomo a palavra e aceito que sou miúdo. Acho que quem exige responsabilidade a outro deve ser responsável. E o senhor que saiu agorinha daqui não é responsável nenhum. Falou muita asneira que o povo está lá a ouvir. Falou aqui que o Governo mandou formar 40 terroristas em Burquina Faso. Um militar agora me ligou e mandou-me chamar o senhor atenção, para tomar cuidado.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— *Aié!*

O Sr. **Ossáquio Riôa** (ADI): — Toma cuidado?

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— *Esta é ameaça!*

O Sr. **Ossáquio Riôa** (ADI): — Sim senhor, toma cuidado.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— Sr. Presidente, esta é uma ameaça. Uma ameaça pública.

O Sr. **Ossáquio Riôa** (ADI): — Não estou a ameaçar nenhum. O senhor chamou as pessoas de terroristas.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— O senhor toma cuidado!

O Sr. **Ossáquio Riôa** (ADI): — Com quem?

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— E o povo de São Tomé está a ouvir.

O Sr. **Ossáquio Riôa** (ADI): — O senhor insultou os militares. O senhor ameaçou os militares. O senhor deve respeitar as pessoas. O senhor é mais velho sim senhor, mas deve ser responsável.

O Sr. **Presidente**: — Julgo ter havido muitas intervenções nesse sentido, Sras. e Srs. Deputados, peço alguma serenidade. Minha querida Sra. Deputada Beatriz Azevedo peço alguma serenidade. Já houve muitas intervenções sobre essa matéria e eu acho que não faz sentido alongar muito mais porque estou vendo...

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— É grave isso. Direito a resposta.

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Deputado está consciente que já não tem tempo. Já pediu duas vezes ou três fora do tempo normal.

O senhor tem o direito sim, mas já pediu três vezes de direito a resposta.

**Vozes de MLSTP/PSD**:— Tem tempo sim.

O Sr. **Presidente**: — Aquilo não pode ser a cada vez que o Sr. Deputado quer. Sr. Deputado, pela boa vontade, vou-lhe dar um minuto apenas como o senhor pediu.

O Sr. **Jorge Amado** (MLSTP/PSD):— Sr. Presidente, foi feito aqui uma ameaça velada com relação a minha pessoa. Disse o Sr. Deputado que recebeu um telefonema dum militar que disse para que eu tomasse cuidado porque iria acabar comigo. Portanto, isto fica patente publicamente. Foi o que disse. E não sei até que ponto um militar estando lá onde está, ouvindo a intervenção do Deputado liga para Assembleia a fazer ameaça a um Deputado. O senhor deve aqui dizer que militar fez esta ameaça contra mim quando não eu chego a pensar que isto é uma cabala em que o senhor também está envolvido.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, terminou o seu tempo de intervenção. Como eu dizia já houve muitas intervenções sobre esta matéria e temos de avançar. Neste sentido vou submeter a votação na generalidade desta proposta de resolução. Alguma observação?

*Submetido à votação, foi aprovada com 30 votos a favor do Grupo Parlamentar de ADI, 3 votos contra de PCD, 12 votos contra de MLSTP/PSD e 1 voto contra de UDD.*

Passemos de imediato a votação na especialidade.  
Preâmbulo

*Submetido à votação, foi aprovada com 30 votos a favor do Grupo Parlamentar de ADI, 3 votos contra de PCD, 12 votos contra de MLSTP/PSD e 1 voto contra de UDD*

Artigo 1º

*Submetido à votação, foi aprovada com 30 votos a favor do Grupo Parlamentar de ADI, 3 votos contra de PCD, 12 votos contra de MLSTP/PSD e 1 voto contra de UDD*

Artigo 2º- Entrada em vigor

*Submetido à votação, foi aprovada com 30 votos a favor do grupo parlamentar de ADI, 3 votos contra de PCD, 12 votos contra de MLSTP/PSD e 1 voto contra de UDD*

Passemos a votação final e global

*Submetido à votação, foi aprovada com 30 votos a favor do grupo parlamentar de ADI, 3 votos contra de PCD, 12 votos contra de MLSTP/PSD e 1 voto contra de UDD.*

Tem a palavra o Sr. Deputado Danilson Coutú

O Sr. **Danilson Coutú** (PCD):— Excelências, povo de São Tomé e Príncipe.

É do nosso conhecimento que o País atravessa uma enorme crise económica e financeira com impacto em diversos sectores da sociedade inclusive nas forças de defesa e de segurança. Estamos cientes da necessidade de um forte investimento nestes sectores não apenas no que concerne a equipamento e materiais, mas sobretudo no que toca a formação e capacitação permanente.

Daí que não nos opomos, repito, não nos opomos a quaisquer acções que visão a melhoria desses sectores no caso concreto a formação, mas não podemos deixar de manifestar a nossa estranheza quando opção do Governo na escolha desse recente parceiro para esse efeito quando nosso país já possui relações privilegiada no âmbito de defesa e de longa data e com resultados positivos e visíveis com os nossos parceiros tradicionais com destaque para Estados Unidos de América e países da CPLP como Portugal, Brasil, Angola. Países com os quais os laços de consanguinidades, de história, cultura, e línguas comuns são elementos que facilitam a troca de conhecimento e experiência.

Por isso, no nosso entender a formação nesses domínios está bem entregue e devem assim continuar. O PCD congratula-se com o novo parceiro de São Tomé e Príncipe, mas neste caso Ruanda, mas é só um entender que o Governo deveria apostar na cooperação com esse parceiro noutros domínios cuja as

necessidades do País é mais premente, como sendo os casos de saúde onde se verifica uma enorme falta de medicamento agricultura, saneamento de meio, como lixo apoderando a nossa capital, educação, formação, língua inglesa, etc.

Áreas estas que aquele país tem colhido reconhecimento internacional em relação as suas potencialidades. Por outro lado preocupa-nos a violação que se vislumbram alínea h) do artigo 80º da Constituição tendo em conta que estamos em crer que o Presidente da República não terá tempo material para reunir Conselho de Estado e deste receber a devida anuência para dar assentimento aos senhores que pretendem vir. São estas razões que leva o Grupo Parlamentar de PCD a votar contra a entrada e permanência no território nacional de uma equipa exagerada de instrutores, militares e paramilitares de Ruanda no nosso país.

Muito obrigado pela vossa atenção.

O Sr. **Presidente**:— Tem a palavra o Sr. Deputado Arlindo Barbosa.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD):— Declaração escrita do voto do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD. Nós os Deputados do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD votamos contra a resolução de Assembleia Nacional que ao pedido do Governo dá assentimento nos termos constitucionais ao Sr. Presidente da República para autorizar a vinda por um período de 60 dias de 20 oficiais militares da República de Ruanda a São Tomé e Príncipe para promover acções de instrução e formação aos militares são-tomenses.

Votamos contra a resolução porque foi com estranheza, surpresa e estupefacção que tomamos conhecimentos com a forma como as nossas autoridades particularmente o Governo tem conduzido o dossier de cooperação com a Ruanda, pois não compreendemos o porquê que se começara com a vertente da instrução militar se o acordo com aquele país contempla outras áreas muito mais prioritária na nossa opinião que a defesa.

Votamos contra a resolução porque se não estamos a preparar para uma guerra, senão vivemos num país em estado de sítio, porquê a pressa em agir no domínio de defesa? Por isso, queremos perguntar publicamente ao Sr. Primeiro-Ministro o que estará por detrás de toda essa encenação no mínimo duvidosa? O que pretende fazer com o povo de São Tomé e Príncipe? Votamos contra resolução porque tanto quanto sabemos depois da independência até hoje os nossos militares têm beneficiados das mais diversas formações nos mais variados países com os quais temos acordo de cooperação militar há mais anos a esta parte e sem constrangimento podendo citar os casos particular de Estados Unidos e Brasil, Angola, etc.

Votamos contra resolução porque entendemos que esta solicitação para além de porem em causa a capacidade de qualidade de formação recebida pelos nossos militares liga também com a disponibilidade sempre manifesta e os parceiros que já cooperaram com o nosso país nas áreas acima citada para dar o seu contributo em outras vertentes podendo assegurar a formação ora referida nas vertentes de terrorismo, migração clandestina e controlo de fronteira.

Votamos contra resolução porque não compreendemos porquê Ruanda um país com fronteiras terrestres quando as nossas fronteiras são o mar. Tendo certamente valência, vocação e experiência diferente as nossas, nos possa portar mais e melhor em matéria não na vertente de defesa marítima para os domínios em que se incidira a instrução que a dos outros actuais parceiros.

Votamos contra resolução porque os países com os quais temos cooperação militar alguns são melhores no mundo neste domínio. Por isso voltamos a perguntar porquê Ruanda? Porquê logo 20 oficiais militares? Seria necessário tantos oficiais e por tanto tempo? Será que pensou bem nisso? E os efeitos colaterais? Votamos contra resolução porque pensamos que o Governo deve potencializar em primeiro lugar com a Ruanda outras áreas de cooperação e não a militar como por exemplo o sector agro-pecuário, turismo, serviço, etc. fomentando o sector privado entre os nossos dois países consequentemente o empreendedorismo onde os jovens possam progressivamente conquistar o seu espaço e afirmar-se no desenvolvimento da nossa sociedade. Votamos contra resolução porque não compreendemos até o presente momento como é que se agenda de discussão e aprovação desse dossier num domínio tão sensível como a defesa sem que o Sr. Presidente da República tenha dado quaisquer sinais de convocação de Conselho de Estado para o efeito num claro e manifesto respeito pela opinião dos conselheiros consequente violação dos preceitos constitucionais cito artigo 80 alínea h), artigo 90 alínea f) e artigo 98.º, ambos da Constituição da República.

Votamos contra resolução porque nem sequer sabemos se os nossos militares foram consultados e já se pronunciaram sobre esta pretensão do Governo. Ao votarmos contra essa resolução queremos manifestar por tudo isso e de forma expressa a nossa profunda preocupação pela forma ligeira, irresponsável e leviana como governo e particularmente o Sr. Primeiro-Ministro tem vindo a gerir os assuntos estratégicos do Estado são-tomense numa clara vontade de impor ao nosso povo a sua agenda pessoal.

Ao votarmos contra esta resolução queremos manifestar também o nosso desapontamento e total desacordo para com esta prática responsabilizando assim o Governo de ADI, e os Sr. Primeiro-Ministro e o

Sr. Presidente da República por este clima de desmando generalizado o que passa o país nesta área tão sensível e não só por todas as consequências que possa advir.

Ao votarmos contra essa resolução queremos finalmente deixar bem claro que não temos nada contra Ruanda. Um país que tem feito um esforço enorme para ressurgir no mapa africano e mundial depois de genocídio de 1994 que abalou o país e surpreendeu tristemente o mundo.

O Sr. **Presidente**:— Tem a palavra o Sr. Deputado Levy Nazaré para a sua declaração de voto.

O Sr. **Levy Nazaré** (ADI):— A nossa declaração de voto vai ser uma declaração curta apenas para dizer que nós votamos a favor porque nós achamos que as nossas forças militares e paramilitares precisam de formação, todos são-tomenses precisam de formação e capacitação e é nessa linha, nessa ordem que nós votamos a favor. Nós não votamos como os outros gostariam que nós votássemos exactamente porque nós somos responsáveis e a favor da formação e da capacitação dos nossos militares.

E é lamentável mais uma vez dizer que os nossos militares e que muito deles ainda estão no activo, dizerem que são terrorista.

O Sr. **Presidente**:— Sr. Ministro do Conselho de Ministros e de Assuntos Parlamentares, Srs. Deputados, eis que chegamos ao fim dessa sessão plenária. Por fim, declaro encerrado a sessão agradecendo a vossa presença, participação e desejando um bom fim-de-semana a todos.

*Eram 14 horas e 10 minutos.*

Acção Democrática Independente (ADI):

**Adilson Cabral Managem**

**Ângela** José da Costa **Pinheiro**

**Jorge** Sousa Pontes Amaro **Bondoso**

Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social-Democrata (MLSTP/PSD):

**António Monteiro** Fernandes

**Fernando** da Silva **Maquengo** Freitas

Partido de Convergência Democrática (PCD):

**José Manuel Carvalho**